

Interativos Transmissões

RESENHAS

**RESENHA:
FONTELA, BUENO E LUCCHESI: RELAÇÕES POSSÍVEIS****FONTELA, BUENO AND LUCCHESI: POSSIBLE RELATIONSHIPS**João Victor Rodrigues SANTOS¹

Em 2022, Alexandre de Melo Andrade, professor, poeta e crítico literário, dá continuidade à sua obra poética – iniciada em 2014 com *Desflor* – e apresenta ao público *As formas claras*. Todavia, a publicação se deu acompanhada de outra, que exemplifica o exercício do poeta enquanto estudioso de poesia e crítico de literatura. Investigando a poesia contemporânea brasileira, o autor se debruça sobre a produção literária de Orides Fontela, Alexei Bueno e Marco Lucchesi, poetas com diferentes modos de enxergar e significar a arte, mas que convergem para temáticas comuns. Desse exercício nasceu *O arabesco, a ampulheta e o veleiro*.

Editado pela Mondrongo, de Itabuna, Bahia, além da introdução, a crítica de Andrade divide-se em quatro partes principais, sendo elas: “Orides Fontela... ou ‘O arabesco’”, “Alexei Bueno... ou ‘A ampulheta’”, “Marco Lucchesi... ou ‘O veleiro’” e “O arabesco, a ampulheta e o veleiro”. A maneira sóbria de estruturar o trabalho direciona o leitor aos caminhos seguidos pelo texto para defender a ideia das aproximações possíveis entre os três poetas, que comungam entre si a busca pela universalidade da poesia, uma vez que rompem com “[...] a ideia de escolarização, sectarismo e vanguardismo, revalorizando o fazer-poético enquanto voz que afirma o universalismo da linguagem de todos os tempos” (ANDRADE, 2022, p. 22).

Os três capítulos iniciais são breves, possuem organização similar, apresentando questões biográficas dos poetas e de suas respectivas produções literárias, destacando um livro em específico que sirva de exemplo para situá-lo como poeta contemporâneo, estabelecendo relações com a tradição literária e com suas próprias particularidades. Além disso, o crítico se debruça sobre alguns poemas escolhidos para esmiuçá-los, seja no tocante ao modo de construção utilizado entre o branco da página e o contraste das letras, seja no

1. Mestrando em Estudos Literários. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil. E-mail: jvrs@academico.ufs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5064-9949>.

tocante ao que se pode depreender daquilo que revelam em sua camada interior. Separados dos demais, cada capítulo em si trata de modo introdutório das poéticas de Orides Fontela, Alexei Bueno e Marco Lucchesi, ressaltando seu pertencimento à contemporaneidade e seu modo de relacionamento com a tradição literária clássica.

A qualidade e a precisão das colocações do livro são anunciadas desde sua introdução, que presta relevante papel ao se debruçar sobre a poesia contemporânea brasileira, refletindo sobre ela de modo a destacar como a produção poética brasileira das últimas décadas alimenta-se de um entrecruzamento da universalidade propiciada pelos temas clássicos e pelo caráter de resistência que a poesia assume nos dias atuais, principalmente marcada pelas contribuições românticas.

Em “Orides Fontela... ou ‘O arabesco’”, Andrade apresenta-nos a poeta paulista valorizando seu labor com a palavra poética, principalmente assinalado através de sua precisão vocabular, que gera uma poesia enxuta, capaz de, com poucas palavras, desvelar a potência criativa e criadora oculta em cada construção linguística. Estudiosa de filosofia, um aspecto que se sobressai na poesia oridiana são os traços metafísicos e existencialistas, quiçá fruto do contato com o pensamento de Heidegger.

Os versos de *Transposição* (1969) são os que mais recebem atenção no trabalho de Andrade. A partir da investigação de alguns poemas, o crítico nos chama a atenção para o caráter imagético e de busca metafísica pelo início de tudo no trabalho de Orides. Por meio da repetida imagem do “fio”, a poeta tece seus versos e vai em busca do fundamento da linguagem, enxugando seus versos, num esforço metalinguístico de criação poética.

É desse aspecto imagético que resulta a noção de poesia em arabesco. Segundo Andrade, “[...] a poesia oridiana alimenta-se de figuras que recobrem o sentido; o jogo poético procura aquilo que há como fundamento no ser/vida/linguagem”. (2022, p. 37). As formas geométricas que são, simultaneamente, conteúdo e continente de outras formas, acabam por configurar o arabesco, elemento de origem árabe que possui a possibilidade de expandir-se infinitamente à origem de tudo e alongar-se indefinidamente ao alcance de algo, sendo, também, cada forma em si seu infinito particular.

Quando o crítico nos leva aos versos de Alexei Bueno, em “Alexei Bueno... ou ‘A ampulheta’”, temos fortemente destacada a relação de retorno à tradição clássica mantida pela poesia contemporânea brasileira. O poeta carioca reincorpora as formas clássicas e se dedica à reconfiguração dos motivos da tradição, versando, além do mais, sobre sua angustiosa noção da passagem do tempo. É da obra *Poemas gregos* (1985) que Andrade se vale em

sua investigação, demonstrando o exercício de Alexei em reconfigurar os deuses mitológicos, retificando sua antiga imagem de seres imortais em uma nova: divindades passíveis de tédio, sofrimento e morte.

Assim como Andrade, Bueno dedica-se tanto à poesia quanto à crítica literária. Profundo conhecedor da produção brasileira, Alexei Bueno aparece como alguém dedicado ao trabalho de divulgar e investigar a poesia brasileira e portuguesa, o que se exemplifica a partir de seu exercício de organizar obras completas de poetas como Jorge de Lima e Mário de Sá-Carneiro.

Considerando a poesia como uma só, distante de seccionamentos escolarizantes, Alexei, assim como Orides Fontela, valoriza e apela para a universalidade do fazer-poético. É nessa universalidade e na angústia com a passagem do tempo que se configura a noção de ampulheta. O símbolo de um tempo que segue, alheio a tudo e a todos, é aquilo refletido pelo autor de *Poemas gregos* (1985).

No último capítulo, “Marco Lucchesi... ou ‘O veleiro’”, somos apresentados ao eruditismo de Marco Lucchesi. Associando conhecimentos de diversos campos do conhecimento humano, bem como de diversas línguas, os versos desse outro poeta carioca demonstram que a poesia pode ser universal tanto em sua construção linguística quanto em seu entrecruzamento com o saber concebido, artística e racionalmente.

Detendo-se sobre *Alma Vênus* (2000), Andrade ressalta a relação que os versos de Lucchesi mantêm com a tradição clássica da epopeia. Em contato com o cânone literário, a poesia lucchesiana apresenta-se como um exercício de “[...] convergência de todos os tempos e todos os espaços”. (ANDRADE, 2022, p. 65). Na união de céu e terra, o poeta carioca empreende um exercício de transposição do saber constituído, em busca da unidade primordial da poesia. Ou seja, “Lucchesi faz da poesia o lugar dos encontros, lugar onde a História, a Filosofia, a Antropologia, a Religião, os Mitos, os espaços geográficos e a própria Literatura se confundem e se unificam” (ANDRADE, 2022, p. 74).

Ao pensarmos as relações mantidas entre os pares dicotômicos elencados por Andrade (arabesco, ampulheta e veleiro), notamos que todos podem simbolizar o retorno à tradição subjacente à poesia contemporânea brasileira. O arabesco busca a universalidade e o fundamento de tudo; a ampulheta remete-nos também à totalidade, metaforicamente assinalada pelo tempo; enquanto o veleiro retrata aquele que, qual um Odisseu, vai eternamente em busca de uma Ítaca desconhecida e distante. A totalidade poética sempre em busca de algo.

O arabesco, a ampulheta e o veleiro talvez demonstre o fado do poeta-crítico e do crítico-poeta: abordar liricamente o que se investiga sobre poesia. O trabalho de Alexandre Andrade, conhecedor e curioso da poesia brasileira, com trabalhos defendidos e reconhecidos sobre a poesia de Álvares de Azevedo, contribui para o pensar a poesia brasileira contemporânea e estimula o desejo de conhecer e refletir sobre versos outros, além dos de Orides Fontela, Alexei Bueno e Marco Lucchesi.

Referência

ANDRADE, Alexandre de Melo. *O arabesco, a ampulheta e o veleiro*: Orides Fontela, Alexei Bueno e Marco Lucchesi na lírica brasileira contemporânea. Itabuna, BA: Mondrongo, 2022.